



REP's - Revista Even. Pedagógica.

Número Regular: Práticas discursivas e concepção/ensino-aprendizagem de língua(s) na contemporaneidade

Sinop, v. 10, n. 2 (27. ed.), p. 794-805, ago./dez. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

AS AÇÕES DESENVOLVIDAS PELOS GESTORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS NA MINIMIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS NA ESCOLA¹

ACTIONS PERFORMED BY STATE PUBLIC SCHOOL MANAGERS IN ORDER TO MINIMIZING SCHOOL VIOLENCES

Francisco José Gomes Pereira

RESUMO

O artigo tem como objetivo compreender as ações desenvolvidas pelos gestores das escolas públicas estaduais na minimização das violências na escola. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e na coleta de dados utilizou-se entrevista semiestruturada com dois diretores e uma coordenadora em três escolas estaduais. Concluiu-se que as ações ocorrem no cotidiano das escolas como o fator principal, o diálogo; em seguida, a troca de alunos considerados violentos entre as escolas estaduais; por fim, as ações acontecem também em parceria com outras instituições, a polícia militar, a ronda escolar a mais mencionadas pelos gestores. Todas as ações contribuem significativamente para a minimização das violências na escola, porém ainda são insuficientes para contemplar as necessidades dos alunos considerados violentos.

Palavras-chave: Gestão Escolar. Minimização das violências na escola. Coordenador e Diretores. Abordagem qualitativa.

ABSTRACT²

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **AS AÇÕES DESENVOLVIDAS PELOS GESTORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS NA MINIMIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS NA ESCOLA**, sob a orientação do Prof. Dr. Josivaldo Constantino dos Santos, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2019/1.

This article aims to understand the actions performed by state public school managers in order to minimizing school violence. The research had a qualitative approach and for data gathering it was used semi-structured interview with two principals and one Pedagogical coordinator from three different state public schools. On this sense, it was possible to conclude that there are some actions that are carried out within the school daily routine such as dialogue, the exchange of students considered violent between state schools; finally, the actions also take place in partnership with other institutions, being the school patrol by military police the most mentioned by the managers. All these actions contribute significantly to the minimization of violence at school, but are still insufficient to address the needs of students considered violent.

Keywords: School management. Minimization of violence at school. Pedagogical coordinator and Principals. Qualitative Approach.

Correspondência:

Francisco José Gomes Pereira. Graduado em Teologia, Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE), em Belém do Pará, 2011. Graduando em Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Atualmente é bolsista pela mesma instituição, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROEG, Câmpus de Sinop e membro da Rede de Pesquisadores em Políticas Públicas, Estado e Formação Humana - REDE RPPPEFH. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: franciscojgppnp@hotmail.com

Recebido em: 19 de outubro de 2019.

Aprovado em: 8 de novembro de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3704/2615>

1 INTRODUÇÃO

No cotidiano da vivência escolar nos últimos tempos tornou um dos grandes desafios para os gestores escolares, principalmente, quando se trata das violências na escola, pois tal fenômeno se configura como multidimensional. O objetivo deste

² Resumo traduzido pela Professora Mestre Betsemens Barboza de Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestre em Estudos de Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

artigo é compreender as ações desenvolvidas pelos gestores na minimização das violências nas escolas estaduais em Sinop-MT.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreendermos as ações desenvolvidas pelos gestores nas escolas estaduais, pois, normalmente, as pesquisas voltam-se para o olhar dos professores e dos alunos. A escolha dessa temática, ocorreu paulatinamente, através dos estágios durante o Curso de Pedagogia, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus de Sinop onde observei esse fenômeno que era recorrente entre os alunos na educação básica e no ensino fundamental.

A pesquisa de campo foi realizada em três escolas públicas estaduais no mês de março de 2019. Três escolas públicas estaduais ficam localizadas no centro da cidade. Os sujeitos das pesquisas foram dois diretores e uma coordenadora.

Nesta temática de pesquisa, a **Revista Eventos Pedagógicos – REP's** já publicou sobre o assunto, geralmente, na perspectiva do professor, assim, apresentamos por exemplo **Violência nas escolas: um desafio para o professor** de Ana Cláudia Fernandes Ramos, em 2018. Nesta pesquisa, portanto, abordamos diferentemente, pois buscamos compreender o olhar dos gestores escolares na minimização das violências na escola.

Portanto, diante desta constatação vivida, coube questionar-me: quais são as ações desenvolvidas pelos gestores das escolas públicas estaduais na minimização das violências na escola na cidade de Sinop-MT? Deste modo, buscamos compreender as ações desenvolvidas pelos gestores na minimização das violências nas escolas públicas estaduais em Sinop-MT. Para tanto, na pesquisa utilizamos como principais autores Candau (2000); Charlot (2002), Abramovay (2005), Minayo (2006) e Santos (2014) e entre outros.

2 CONCEITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR, VIOLÊNCIA DA ESCOLA E VIOLÊNCIAS NA ESCOLA

A violência escolar se caracteriza pelo vandalismo contra o patrimônio da escola pública ou privada, contra o patrimônio dos funcionários da escola e ameaças aos mesmos. Marília Pontes Sposito (2001) ressalta sobre essa esfera, as violências escolares passaram de vandalismo na década de 80, para ameaças na década de

90. Para Josivaldo Constantino dos Santos (2014), a natureza dessas violências pode estar ligada com algumas frustrações do agressor ou dos agressores para com a escola.

A violência da escola, Santos ainda (2014, p. 22) corrobora dizendo que “a violência da escola se refere à escola enquanto produtora de violências simbólicas implícitas nas práticas educativas (modos de avaliar, de expor seu conteúdo, etc.) e na hierarquização que caracteriza as relações de poder entre o professor e aluno”. Neste mesmo pensamento, Bernard Charlot (2002), ressalta que a violência da escola está ligada a natureza institucional, ou seja, a sua forma de conduzir, avaliar, corrigir, de ensinar os alunos.

As violências na escola estão atreladas aos fatores internos (podemos incluir a violência escolar e a violência da escola) e externos das relações sociais (problemas fora do espaço escolar). Neste caso, Charlot (2002) afirma que a escola é apenas um lugar onde estas violências poderiam ocorrer em qualquer outro lugar. As violências na escola, por sua vez, são aquelas que se (re) produzem dentro do espaço escolar, sem estar ligada diretamente com a natureza da instituição de ensino e também as que adentram na escola sem que tenha um vínculo diretamente com a mesma.

3 O CAMINHO DA PESQUISA

A metodologia utilizada na pesquisa foi uma abordagem qualitativa cujo fundamento relaciona o mundo e o sujeito, delineando-se pelos acontecimentos dentro de um contexto histórico, cultural e social. Para Nivaldo Silva Triviños (1987), a pesquisa qualitativa produz informação mais profundas dos sujeitos pesquisados. Utilizamos como instrumento para coleta de dados a entrevista semiestruturada. De acordo com o mesmo autor, Triviños esse instrumento possibilita melhor espontaneidade e leveza ao entrevistador e ao entrevistado e produz melhores resultados.

Após delimitação do objeto da pesquisa, os sujeitos da pesquisa e os locais da pesquisa, em conjunto com o meu orientador, professor Dr. Josivaldo

Constantino dos Santos, fui até a Assessoria Pedagógica de Sinop³ para apresentar-me e solicitar a autorização para a realização da pesquisa, no qual pediram uma carta de apresentação do pesquisador, Francisco José Gomes Pereira, cujo orientador encaminhou a instituição via e-mail.

Posteriormente, fui a campo para a coleta de dados no Centro Educacional de Jovens e Adultos -CEJA - Benedito Sant'Ana da Silva Freire, Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino e Escola Estadual Ênio Pipino. Os sujeitos da pesquisa foram dois diretores e uma coordenadora. Todas entrevistas foram realizadas no mês de março de 2019, gravadas e transcritas para análise dos dados.

Conforme Minayo (1994), a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Para a autora é através desse instrumento que alcança as informações contidas na fala dos atores sociais. Nesta pesquisa de campo foram entrevistados dois diretores (um masculino e um feminino) e uma coordenadora. Portanto, a metodologia utilizada permitiu coletar as informações necessárias para descrevermos sobre as ações desenvolvidas pelos gestores das escolas públicas estaduais afim de refletirmos e compreendermos as atuações na minimização das violências na escola.

4 AÇÕES DESENVOLVIDAS PELOS GESTORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS NA MINIMIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS NA ESCOLA

4.1 Ações desenvolvidas no cotidiano da escola para a minimização das violências na escola.

No processo da transcrição da entrevista, percebemos que medo e a insegurança acabam sobressaindo na fala do gestor 01, mas o diálogo predomina no (CEJA), principalmente por ser um público de faixa etária de jovens e Adultos. Na entrevista questionamos a todos os gestores escolares como agem com os alunos considerados violentos.

³ Fica localizada na Avenida das Embaúbas, nº 389, Centro.

(01) Gestor 01: A palavra-chave é diálogo. A gente tem situações que pessoas são violentas e que a gente já sabe, a gente tenta abordar com diálogo, com conversa, faz um diálogo de conversa.

(02) Gestor 03: Primeiro sempre é um diálogo, nós temos um caderno de registro chamado diálogo educativo.

Para os Gestores 01 e 03, o diálogo é o primeiro procedimento para minimizar as violências nos ambientes escolares. Constatamos que o diálogo no Centro de Educação de Jovens e Adultos é fundamental, pois o público escolar é composto de pessoas consideradas 'violentas' geralmente pelos profissionais da educação da escola.

Todavia, observamos através das entrevistas, o diálogo é dirigido, ou seja, o gestor já diz ao aluno o que ele tem de fazer. Sobretudo esse diálogo dirigido ocorre de forma hierarquicamente. Primeiramente, o diálogo dirigido é entre professor-aluno como mediadores entre os conflitos em sala; no segundo momento, o diálogo dirigido ocorre entre gestor-aluno aqui ocorre os aconselhamentos e as advertências e por último, o diálogo dirigido acontece entre gestor-família aqui o aluno é transferido ou expulso.

(03) Gestor 01: Aquele aluno você chega para ele, o irmão vem cá, vamos conversar. Eu quero que você pare de usar celular em sala, eu quero que você pare de sair durante a aula para fumar, eu quero que você pare de vim de casaco na escola, pare de usar algum tipo de suspeito, tá bom, tá bom, converso hoje. Daqui a Três dias, tenho que chamar de novo e falar as mesmas coisas para ele.

Por um lado, o diálogo dirigido torna-se insuficiente para a minimização das violências na escola, pois as mesmas tendem a repetirem com frequência nos espaços escolares. Pelo o enunciado acima, o diálogo propositalmente indialogável, pois o gestor escolar reforça o poder institucional pelo o enunciado "eu quero". Por outro, as autoras, Érika Cecilia Soares Oliveira e Sueli Terezinha Ferreira Martins (2007), ressaltam que a prática do diálogo e a escuta são instrumento essenciais para conviver em uma sociedade democrática. Elas ainda enfatizam que é através

da linguagem oral, da palavra entre os autores da escola para a possibilidade de mudança no meio social.

Para Paulo Freire (2007), o diálogo é a prática da liberdade sem o qual o homem jamais poderá ser crítico, liberto e transformado, pois é pela palavra que os homens evidenciam a sua historicidade. Portanto, o diálogo dirigido estão presentes cotidianamente nos contextos escolares, mesmos que as vezes são insuficientes pelas repetidas ocorrências do fenômeno.

4.2 Ações desenvolvidas entre os gestores escolares para a minimização das violências na escola

Após o diálogo dirigido, caso as ocorrências de violências pelo aluno sejam frequentes, os gestores transferem (troca) o aluno da escola. Em virtude disso, os alunos considerados 'violentos' têm uma ficha FICAI⁴ na escola que possui o histórico do mesmo, normalmente, neste caso, a transferência é imediata para outra escola, ocorrendo assim, a cultura da troca pelas escolas estaduais do aluno, o qual podemos chamar de violência da escola. Na entrevista questionamos os gestores o que fazem com os alunos que tem um histórico de violência.

(04) Gestor 02: Às vezes a troca de ambiente [troca de escola] resolve o problema, com esses meninos violentos. Não se sentem tão familiarizado com a escola, não sei o que acontece, mas melhora bastante. Então nós temos um acordo, a criança não pode ficar fora da sala de aula. Então a gente troca. Ah! Vem prá cá, vai para lá. Eu tenho vagas para tantos alunos, você pode pegar meu aluno que foi expulso, a gente pega as vezes nem comenta, né.

(05) Gestor 03: Infelizmente existe uma rotatividade de alunos.

O rodízio dos alunos considerados violentos com um histórico de ocorrências nas escolas podemos classificá-lo como “violência da escola”, pois de acordo com

⁴ Projeto FICAI – FICHA DE COMUNICAÇÃO DE ALUNO INFRENTEQUENTE/INDISCIPLINADO/INFRATOR. É um projeto do Ministério Público do Estado de Mato Grosso juntamente com Secretaria de Estado de Educação tendo como objetivo instituir em todas as escolas estaduais do Estado de Mato Grosso o projeto FICAI.

os autores Charlot (2002) e Santos (2014) essa modalidade de violência está ligada a natureza institucional, ou seja, sua forma de conduzir os alunos com histórico de violência pelos espaços escolares.

Neste caso, portanto, os gestores não veem a escola como produtora de violência. Tornou-se uma prática institucional das escolas estaduais em Sinop sem uma devida reflexão da práxis educativa. Neste raciocínio, Pierre Bourdieu (1989) diz que as violências quanto menos sentida, menos percebida, menos vista, mais legítima ela se torna tanto pelo o agressor quanto pela vítima.

4.3 Ações desenvolvidas em parceria com outra instituição para a minimização das violências na escola

Ultimamente, os gestores escolares buscam parceria com outras instituições, principalmente, com a Polícia Militar, conhecida como a ronda escolar. Questionamos aos gestores se a escola tem outras parcerias em conjunto com outras instituições na minimização das violências na escola. A parceria mais evidenciada pelos gestores foi com a ronda escolar.

(06) Gestor 03: A ronda escolar trabalha com palestra a prevenção e a proximidade da imagem positiva da polícia junto com a comunidade e não só mais daquele policial que vinha no último caso para a repressão. Então, hoje a ronda escolar tem sido uma parceira bastante favorável nesse sentido.

Sposito (s/d, p, 12) discorrendo sobre cidade de São Paulo, na década de 80, diz que “a violência na escola, sobretudo na esfera estadual foi cada vez mais tratada apenas como problema da área de segurança pública e cada vez menos apresentou desafios de natureza educativa”. De acordo com a mesma autora, foi a partir dessa época que surgiram as rondas escolares. Acrescentando ainda a respeito das violências na escola, ela comenta que a “violência escolar passa a ser objeto da ação pública, sobretudo sob o ângulo da segurança, da estratégia policial militar e menos como questão educativa” (SPOSITO, s/d, p. 13).

(07) Gestor 1: Identificamos caso usuário de droga ou violência, chama o apoio da ronda escolar (RE) é feito o registro junto com a ronda escola, a ronda conversa com os alunos menor e maior, aí eles dão o encaminhamento. Se for maior o caso, várias vezes já saíram dentro da viatura para a delegacia depois toma os procedimentos tanto de mulher quanto homem.

Maria Vera Candau (2000) retrata que as violências presentes na sociedade afetam a escola, mas que a própria escola também reproduz violências. Ela (2000, p.154) reforça dizendo que “a violência escolar passa a ser vista, inclusive pelos educadores como responsabilidade da polícia militar. ” A ronda escolar, ora são chamados para ações preventivas, ora são chamados para ações coercitivas nas escolas, dependendo das ocorrências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, ao tratar das ações desenvolvidas pelos gestores das escolas públicas estaduais em Sinop, Mato Grosso, consideramos especialmente a visão dos gestores na minimização das violências no espaço escolar. Sabemos que as violências na escola [...] não é fenômeno novo, mas assume formas novas (CHARLOT, 2002), tornando assim, um desafio cada vez mais complexo a gestão escolar, pois tal fenômeno é multidimensional.

Constatamos no primeiro momento das análises das entrevistas que o diálogo dirigido é insuficiente para formar cidadãos autônomos, pois de acordo com Freire (2007), o diálogo é essencialmente para formar cidadãos críticos. O diálogo dirigido tende a reprimir as ocorrências de violências nos espaços educacionais. Normalmente, os gestores não se veem as escolas como produtores de violência.

Observamos que em seguida, a ‘troca’ do aluno considerado ‘violentos’ a responsabilidade recai sobretudo ao aluno, pois o gestor argumenta que o mesmo não se sente tão familiarizado com o ambiente escolar. Por um lado, essa estratégia busca manter o aluno nos ambientes escolares até que o mesmo se reencontro o seu local, mas o fim é amenizar as ocorrências na escola. Por outro lado, esta modalidade de violência se caracteriza especificadamente de violência da escola, conforme Charlot (2002), pois envolve a natureza institucional.

Apuramos também que os gestores buscam parceria com outras instituições, sendo a Polícia Militar, conhecida como a ronda escolar a mais mencionadas pelos sujeitos da pesquisa. No entanto, constatamos que a ronda escolar ora age de forma preventiva ora age de forma repressiva. Esta ação torna-se as últimas opções dos gestores escolares em relação as constantes ocorrências de violência no espaço educacional.

Em relação aos alunos considerados violentos ainda precisam de projetos e de políticas públicas educacionais que favoreçam esses alunos a permanecer na escola, sem que os mesmos fiquem sendo transferidos pelos gestores escolares. Além disso, é fundamental promover formações continuadas específicas aos professores, coordenadores, diretores e a comunidade escolar afim de que todos possam compreender o fenômeno, suas especificidades nas suas dimensões existenciais e sociais.

Portanto, as ações desenvolvidas pelos gestores contribuem significativamente para a minimização das violências na escola, porém, são insuficientes para contemplarem na promoção dos alunos considerados violentos. Em virtude disso, as reflexões e análises dos gestores em relação as violências na escola ficam prejudicadas, principalmente, quanto as violências de caráter institucional ou simbólica, pois não se veem como produtores das mesmas. Assim, tornando a compreensão dos gestores prejudicialmente para atuações mais eficiente e eficaz na minimização das violências na escola.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (coord). **Cotidiano das escolas**: entre violências. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 432-443, jul/dez 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GESTOR 01. Dados de Pesquisa. [Entrevista cedida a]: Francisco José Gomes Pereira. **As ações desenvolvidas pelos gestores das escolas públicas estaduais na minimização das violências na escola**. Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, mar. 2019.

GESTOR 02. Dados de Pesquisa. [Entrevista cedida a]: Francisco José Gomes Pereira. **As ações desenvolvidas pelos gestores das escolas públicas estaduais na minimização das violências na escola**. Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, mar. 2019.

GESTOR 03. Dados de Pesquisa. [Entrevista cedida a]: Francisco José Gomes Pereira. **As ações desenvolvidas pelos gestores das escolas públicas estaduais na minimização das violências na escola**. Sinop, UNEMAT, Curso de Pedagogia, mar. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 90-98, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n1/a13v19n1.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.

RAMOS, Ana Cláudia Fernandes. Violência nas escolas: um desafio para o professor. **Revista Even. Pedagóg.**, Sinop, v. 7, n. 2, p. 963-976, jun./jul. 2018. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/2089/1782>. Acesso em: 27 set. 2019.

SANTOS, Josivaldo Constantino dos. **A cultura do medo no cotidiano da escola: Afetos, acolhimentos, violências, sofrimentos, como manifestações de um querer-viver societal**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000914868&loc=2014&l=63f3b54306cdc4e5>. Acesso em: fev. 2019.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo: USP, v. 27, n. 1, p. 87-103, jan./jun. 2001.

SPOSITO, Marília Pontes. **A Instituição Escolar e a Violência**. (s/d). Disponível em:

http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/spositoescolaeviolenca.pdf/at_download/file. Acesso em: nov. de 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

AGRADECIMENTOS

À UNEMAT, por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEG), Câmpus de Sinop, pela bolsa de estudo que significativamente contribuiu para o meu desenvolvimento acadêmico, e a todo seu corpo docente e técnico-administrativo, na pessoa do Diretor Pedagógico Político Financeiro (DPPF), o prof. Dr. Roberto Alves de Arruda.